

RELAÇÕES MULTICULTURAIS NOS ROMANCES *OS DEUSES DE RAQUEL* E *O CICLO DAS ÁGUAS*, DE MOACYR SCLiar

Multicultural Relations of the Moacyr Scliar's Novels *O ciclo das águas* and *Os deuses de Raquel*

Consuelo Peruzzo
Universidade de Lisboa (UL)

RESUMO

Este artigo propõe construir um diálogo comparado entre as personagens femininas do romance *O ciclo das águas* (1975) e do romance *Os deuses de Raquel* (1977), de Moacyr Scliar, demonstrando como, por meio da escrita literária são reconfigurados elementos tradicionais da cultura judaica, influenciados pelo contexto brasileiro. Através os relatos mnemônicos das personagens femininas dos romances se pretende entender como traços da cultura judaica permanecem vinculativos nas lembranças e se relacionam com a cultura de integração, num diálogo de interação. Com base nessas considerações, pretender-se-á procurar aspectos semelhantes e divergentes das duas obras.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; memória; cultura judaica.

ABSTRACT

The purpose of this article is to engage a comparative dialogue between the female characters of the Moacyr Scliar's novels *O ciclo das águas* (1975) and *Os deuses de Raquel* (1977) demonstrating how, through literary writing, traditional elements of Jewish culture, influenced by the Brazilian context, are reconfigured. Through mnemonic tales of the female characters, we intend to understand how traces of Jewish culture remain binding on the memories and correlate to the culture of integration, in an interactive dialogue. Based on these considerations, similar and divergent aspects of the two works will be sought.

KEYWORDS: identity; memory; Jewish culture.

Moacyr Scliar (1937-2011) foi um escritor, jornalista, ensaísta e médico brasileiro. Nasceu em Porto Alegre (RS), filho de imigrantes judeus europeus, vítimas de perseguições em sua terra natal, que vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor na América. Passou a maior parte de sua infância no Bom Fim, o bairro porto-alegrense onde se instalou a maioria dos judeus que migraram para a capital gaúcha, cenário de fundo da produção scliariana.

É a sua condição de judeu e filho de imigrantes judeus europeus que fornece ao escritor a fonte que dá origem à sua obra, dos primeiros aos últimos livros. As questões vinculadas à etnia hebraica, à sua história, às suas tradições e às personalidades permaneceram presentes no seu caminho.

Moacyr Scliar pertenceu à geração que compartilhou conjuntamente duas realidades culturais distintas, mas não necessariamente antagônicas: de uma parte, a de herdeiro da cultura judaica e europeia caracterizada pelas tradições, pela memória e pela história; de outra, a de brasileiro, participante de uma sociedade permanentemente em transformação, marcada por diferenças sociais e raciais, por preconceitos e instabilidades.

Um exemplo desta dualidade se reflete nos romances *Os deuses de Raquel* e *O ciclo das águas*, cujas personagens se encontram paralelamente em dois mundos, o de origem e o de chegada, permanecendo ao longo da vida num contraste que as tornam agressivas e guerreiras mas ao mesmo tempo emocionais e frágeis.

Esses dois romances fazem parte da primeira fase da escritura de Scliar, cujo cenário das histórias é a cidade de Porto Alegre na década de 1970. O que mais se destaca na apresentação do mapeamento da capital gaúcha é o bairro do Bom Fim, onde se desenvolve a vida dos judeus imigrantes que constroem ligações entre a memória de um judaísmo das origens, o europeu, e o resgate de uma nova experiência de vida.

Moacyr Scliar em *O texto, ou: a vida* – Uma trajetória literária declara

Escrevo há muito tempo. Costumo dizer que se ainda não aprendi não foi por falta de prática. Comecei muito cedo; minhas recordações de infância estão ligadas a isso: a ouvir e contar histórias. Não só histórias de personagens que me emocionaram, me intrigaram, me encantaram, me assustaram – [...] –, mas também as histórias que eu ouvia de meus pais, de parentes, dos vizinhos, e aquelas que eu próprio inventava. (SCLIAR, 2007, p. 7-8)

Os deuses de Raquel (1975) e *O ciclo das águas* (1977) desenvolvem-se a partir de histórias reais: por um lado, *Os deuses de Raquel* envolve uma experiência pessoal do escritor, pois ele, preocupado com o seu destino ultraterreno, funda a sua própria religião; por outro lado, *O ciclo das águas* é a narração da história de uma mulher que o autor conheceu enquanto exercitava a profissão de médico: “A personagem principal de *O ciclo das águas* foi inspirada na figura de uma velha prostituta judia, já falecida, a quem atendi como médico. O que mais me impressionava nesta mulher era a sua capacidade de sedução, em flagrante com sua deterioração física e mental” (SCLIAR, 1985, p. 101).

Ambas as obras têm como protagonista principal uma mulher, Raquel e Esther – característica inédita da produção scliariana –, que enfrentam de maneiras diferentes o contraste entre os dois mundos aos quais fazem parte. As duas simbolizam as divergências geracionais que se desencadeiam quando se perde a noção de pertencimento às raízes. Tanto Raquel quanto Esther questionam-se sobre “quem sou” e “quem me tornei” sem, porém, alcançar uma resposta exaustiva aos questionamentos que marcam com extremo sofrimento a vida delas.

Raquel é filha de imigrantes europeus judeus que deixaram a Hungria, o país de origem, em busca de oportunidades no novo continente, idealizando, no imaginário comum, o Brasil como terra da renascença. Na Hungria o pai, que provinha de uma família muito rica, era latinista autodidata e se dedicava totalmente a esta atividade. O seu *status* de riqueza permitiu-lhe fazer vários investimentos que acabaram por se revelar um fracasso total. Por essa razão resolveu, em 1935, mudar para o Brasil, contra a vontade da sua esposa Maria, que não queria deixar a Europa. Movido pelo entusiasmo da criação de uma nova vida em um novo país, Ferenc, o pai de Raquel, tem como objetivo se impor como latinista em um Brasil católico, indo de colégio em colégio, à procura de um trabalho como professor de Latim. Porém, esta tentativa revelou-se um fracasso, pois ele não possuía credenciais para ser professor.

Desde o início do romance percebe-se o sentimento de contraste que contradistingue Ferenc. Ao chegar em Porto Alegre começa a ter aula de Português com um padre húngaro e escolhe não se uniformizar com quem ele chama “judeus do gueto”, não morando no mesmo bairro e não seguindo a mesma vida profissional. Esta divergência que caracteriza o pai repercute em Raquel, durante toda a sua vida.

Ao contrário de Ferenc, Maria não se sentia parte dessa nova cultura e queria manter as tradições judaicas para se sentir, ainda, parte do seu povo. Desesperada pela atitude do marido e grávida, insistia em uma mudança radical de vida: “Precisava sair daquele quarto, mudar para uma casa onde pudessem levar uma vida normal, criando os filhos e recebendo amigos: abre uma loja, dizia ao marido. Como os judeus do gueto? – ele se irritava” (SCLIAR, 1995, p. 9).

Estabeleceram-se no Partenon, um bairro afastado do Bom Fim, para marcar mais uma vez uma distância entre eles e os judeus.

Para estabelecer-se, recorreu às últimas economias. Não foi suficiente; teria de vender as jóias da mulher. Maria protestou. As jóias eram seu único consolo naquele quarto opressivo. [...] Não, não daria as jóias. Tinham sido presente de casamento dos pais, a única coisa que a fazia sentir-se gente. Não daria as jóias, pronto. (SCLIAR, 1995, p. 11)

Depois dum forte conflito, Maria acaba entregando as joias ao marido quebrando, desse modo, o último vínculo de ligação com a família e, conseqüentemente, simbolizando a rotura com a própria origem e a própria cultura, ciente que não haveria um retorno.

É portanto nesse clima de ambigüidade que Raquel nasce e cresce. Ferenc nunca desistiu do seu desejo de se tornar latinista e projeta esse entusiasmo no nascimento do primogênito, desejando uma menina para que ela pudesse frequentar o colégio de freira para aprender o Latim.

Contrariando a vontade de Maria, o pai matricula Raquel em um Colégio Católico e desde os primeiros passos no Colégio, a menina fica fascinada com a imagem da Virgem Maria: “De súbito, ela puxa a mão do pai, força-o a parar [...]. No fundo da gruta, iluminada por velas, uma imagem da Virgem contempla Raquel com seus grandes olhos escuros” (SCLIAR, 1995, p. 16). A partir desse momento começa a crise espiritual vivida por Raquel, que ao longo da sua vida lhe causará um desequilíbrio sentimental e emocional.

A história de Esther distancia-se em vários aspectos da história de Raquel. Esther é filha do *mohel* e *shochet* da pequena aldeia onde nasceu, na Polônia; sua família era uma típica família judaica que vivia na pobreza e no respeito às leis da Torá. A vida da família e sobretudo de Esther muda quando o jovem Mên dele regressa à aldeia depois ter viajado pela “América”. A menina está fascinada pelo jovem e quando ele pede ao pai a permissão para se casar com Esther, ela se imagina “Rainha! Rainha na América! Rainha Esther!” (SCLIAR, 2010, p. 14).

Atraída pela América e pela ideia de ascensão social, Esther é incentivada a seguir o marido, mas acaba sendo partícipe do tráfico de mulheres judias – um plano que ela ignora –, trazidas para a América no início do século XX, obrigadas a serem escravas sexuais. Logo depois do casamento, os dois recém-casados partem com destino a Buenos Aires. Durante a viagem, o marido não a toca, deixando-a ainda pura e virgem. O seu primeiro contato com o sexo e, conseqüentemente com a arte profissional do sexo, acontece em Paris quando Mên dele leva a esposa a um bordel. Obrigada a ter relações sexuais com um desconhecido, perante ao marido que assume uma atitude totalmente passiva, Esther encontra-se desorientada e incapaz de entender os acontecimentos à sua volta. Conforme Beatriz Kushnir, “o casamento permeia sempre as narrativas sobre o tráfico. Uma das mais fortes justificativas para a existência deste último está no engano que as jovens moças sofriam ao aceitar propostas de casamento de judeus, vindo com eles para as Américas” (KUSHNIR, 1996, p. 66).

No navio a caminho de Buenos Aires, Mên dele morre, na indiferença e no ódio de Esther que não sente nada diante ao corpo morto do marido. Logo após ao evento, ela se abandona ao prazer sexual com o médico que socorreu o marido. Durante a viagem ela já tinha mudado de atitude: “Tinha se transformado, naqueles poucos dias; sua voz se tornara baixa e rouca; no navio, andava pelo *deck* de cabeça erguida, arrogante, desafiadora, sorrindo para os homens” (SCLIAR, 2010, p. 24).

Em Buenos Aires, Esther foi recebida por Leiser, que descobriu ser o chefe do tráfico de mulheres brancas para a América Latina, e ele a conduz ao bordel – parecido à Casa do Prazeres, o bordel de Paris –, onde começa definitivamente a profissão de prostituta. Contudo, levou consigo a sua fé, apesar de não rezar, pois ela não se sentia digna de professar a sua religião e pensava em seu pai, o santo *mohel*, ignaro do destino da sua filha.

A permanência no bordel de Buenos Aires durou pouco tempo, pois a Casa tinha sido denunciada ao governo argentino e portanto Esther foi obrigada a fugir. Juntamente com as outras moças e Leiser, pegaram o navio e chegaram em Porto Alegre em 1929. É nesta cidade que Esther passará a sua vida trabalhando antes para Leiser e depois construindo o seu próprio bordel, cheio de luxos e de raparigas talentosas, frequentado pelos políticos, médicos, fazendeiros, personagens que tinham um forte impacto na sociedade rio-grandense.

O romance desenvolve-se em dois planos narrativos ligados entre eles pelo ciclo das águas: o primeiro narra a biografia de Esther em terceira pessoa; o segundo corresponde a Marcos, o filho de Esther que relata, em primeira pessoa, a sua história pessoal.

Da mesma forma, *Os deuses de Raquel* possui uma alternância de duas vozes narradoras: o primeiro narrador declara desde o início do romance ser Jeová, aquele “que tudo vê” e segue a protagonista durante toda a sua vida, criando o seu alter ego; o segundo narrador, também onisciente, entra na vida de Raquel descrevendo não apenas a sua biografia, mas também os seus pensamentos e as suas emoções. Durante a narrativa, a alternância polifônica cria dois mundos: o material onde nasce e se desenvolve a vida de Raquel e das outras personagens que permeiam a narração, e o sobrenatural que está acima de tudo e parece vigiar o enredo sem intervir diretamente.

Neste romance o processo de identificação ou de estranhamento com a cultura hegemônica explora um percurso de angústia e sofrimento. A aproximação, por parte do pai de Raquel, à sociedade hegemônica e o afastamento à cultura de origem, provoca nela uma crise espiritual e identitária que a leva um desequilíbrio sentimental e emocional, às vezes com traços demoníacos. Desde o seu ingresso no Colégio Católico, Raquel sente-se estranha e incomodada pela sua “diferença”: é a única judia da turma e as suas companheiras, em particular Isabel, têm curiosidade em compreender os hábitos dos judeus, como rezam, como casam, como batizam. Essa atenção provoca em Raquel um forte sentimento de confusão que se transforma numa profunda crise espiritual, pois ela nunca viveu os rituais judaicos em família.

A partir desse momento, ela se sente agitada, acordando durante a noite com pesadelos em que sonha que irá para o inferno. Logo ela passa a assumir atitudes para merecer um lugar no Céu, incorporando nela própria todas as condutas cristãs: o cumprimento da pena e a apropriação de bons comportamentos que a levará num percurso de salvação e de redenção. Consciente da sua não salvação porque judia, ela não pode se converter publicamente ao cristianismo para não criar desgosto à mãe e acaba criando uma religião própria na tentativa de pôr um fim ao seu sofrimento dilacerante:

Dias de fé intensa. Raquel, ameaçada pelo inferno, toma uma decisão: converte-se ao cristianismo. Mas não publicamente [...]. Concebe para si um cristianismo peculiar, que inclui o culto à Virgem e a Cristo – mas não as orações, nem a missa, nem a confissão, nem a comunhão, nada que torne a religião visível. E mantém em segredo a sua fé [...]. Assim operará esta guerrilheira da fé, esta agente secreta, esta cavaleira andante disfarçada: por dentro, cristã; por fora, judia, negando a chegada do Messias e se recusando a fazer o sinal da cruz. (SCLIAR, 1995, p. 25)

Na sua autobiografia *O texto, ou: a vida*, Moacyr Scliar afirma que, matriculado em um Colégio Católico, sentia a sua ida para o Céu uma completa impossibilidade e tudo indicava que o seu destino era ir para o Inferno. Por essa razão ele acabou fundando uma religião nova,

uma seita secreta da qual eu era o único fiel e também o único sacerdote. Bolei orações, rituais, penitências – que consistiam em jogar fora coisas de que gostava; por exemplo, uma caderneta de anotações confeccionada por mim mesmo. Minha esperança era conseguir comunicação direta com Jesus, o bom Jesus da estampa colorida. Antes que isso acontecesse, e movido pelo desespero, pedi a meus pais que me tirassem do colégio. (SCLIAR, 2007, p. 53)

Desespero que nunca abandona Raquel, aliás se torna mais valente até se transformar em demoníaco, ao descobrir que uma outra judia frequenta o Colégio, mas disfarça a sua identidade. Raquel consegue manipular, torturar e dominar psicologicamente a colega até quando, descoberta a sua maldade, é expulsa da escola. Essa raiva que surge em Raquel é o resultado do seu sofrimento na vivência religiosa, quase ciumenta da atitude da sua colega que aparentemente consegue conciliar a fé de origem com a fé de integração, resultado que Raquel nunca consegue atingir.

A expulsão do Colégio cria para Raquel uma oportunidade de aproximação à cultura judaica. A mãe matricula a menina em um curso de piano, onde conhece Débora, uma judia que

mora no Bom Fim. Essa aproximação com a amiga permite a Raquel conhecer de perto algumas cerimônias judaicas, (re)descobrendo as suas origens e integrando-se à comunidade, que a aceita. Contudo, mais uma vez, a intervenção do pai foi decisiva para afastar Raquel dum equilíbrio encontrado, reafirmando a não aceitação ao convívio e à pertença da filha com os judeus do gueto.

Este aspecto do relacionamento com o pai se revela desastroso para Raquel. Na fase adulta, o judaísmo espectral se converte num mundo de agressões e flagelações. Ela se torna uma mulher agressiva, pronta a vomitar as suas fraquezas dum jeito violento e tumultuoso na sociedade em que ela sempre quis pertencer.

A sua agressividade parece ter origem na não aceitação de si mesma, que se reflete, por sua vez, numa negação da sociedade onde vive. Os episódios de violência, tanto física quanto verbal, e de maldade são uma constante ao longo do romance.

Miguel é a personagem que tenta ajudar Raquel durante o seu percurso. Diferentemente da família de Raquel, ele vive a religião o tempo todo. Nasceu na Polônia, filho de judeus, cresceu numa pequena aldeia até a família decidir imigrar para o Brasil, chegando no Bom Fim. Estudou num Colégio Lídice, amava a leitura e em particular lia a *Bíblia*. Desde sempre foi considerado um menino esquisito porque falava e rezava sozinho; adolescente, começou a ter pensamentos obsessivos impostos pela voz que dominava a sua cabeça, pedindo a construção da sinagoga o que desencadeou a sua internação em um hospício no Partenon.

O seu encontro com Ferenc acontece quando Miguel, decidido na construção da sinagoga, se aproxima da loja de ferragens de propriedade do pai da menina. Em uma conversa com Ferenc, ele deixa escapar umas palavras em Lídice, o que lhe garante o emprego. Apesar de querer se afastar da comunidade judaica, Ferenc contrata Miguel exatamente porque pertence à “nação”, é “um empregado de confiança”, demonstrando desse modo, ter ainda uma proximidade com a sua cultura de origem e a confiança nos homens que esta representa.

Contudo, Miguel representa o antagonista do pai de Raquel: ele permanece ligado às origens, estudando no Colégio Lídice, idealizando a construção de uma obra-prima, a sinagoga “grande e bonita, com ouro nas paredes”, conservando a ligação e a união com as próprias raízes. Porém, Raquel era o seu ponto fraco; era alguém que o comovia e ele se alterna entre uma observação da menina e uma submissão, tornando-se a vítima e a causa do delírio da protagonista.

De acordo com Waldman, Miguel é a personagem mais coerente da obra e ele oferece uma saída positiva ao turbamento e sofrimento que percorre o romance (cf. WALDMAN, 2003, p. 120). Ele consegue finalizar o Templo e no final se descobre que o narrador onisciente, “o que tudo vê”, é Miguel. Ele é o olho que acompanha Raquel ao longo da vida, desenvolvendo uma atitude de obsessão doentia. O final do romance é emblemático, pois a narrativa adquire um tom divino e, de maneira metafórica, se apresenta a morte de Raquel. Miguel a pega em seus braços e iniciam a ascensão, levando-a para o Templo; denota-se a vontade dele de negociar uma reconciliação entre Raquel e as suas origens, mostrando o lado religioso que causou o sofrimento e a derrota desta menina, que se tornou uma mulher maquiavélica.

Esther, ao contrário de Raquel, nunca vacilou sobre a sua fé religiosa. Nascida judia, permanecerá ligada à religião até a morte. Esther, completamente abandonada e sozinha no novo país, não se afasta de sua família e durante os momentos de fraqueza, pedia ajuda a mãe e ao *mohel*, acusando-se de ser pecadora e de tê-los desiludido. Ao mesmo que manifesta a sua autoacusação, ela culpa o *mohel* por tê-la deixado nas mãos dum homem que ninguém reconhecia. Essa dupla acusação está presente várias vezes ao longo da narração, quase colocando um limite idílico a sua danação, encontrando na família o bode expiatório, o sujeito da sua maldição:

Mãe, eu errei, eu sei que errei casando com aquele Mên-dele, mas vocês também erraram, não deveriam ter consentido, ele era um desconhecido para nós, o Mên-dele que foi para a América era um rapaz bom, o que voltou era um brinquedo nas mãos de bandidos, um viciado. E agora sou uma impura, mamãe querida, sou a vergonha de vocês. Por que não respondem às minhas cartas? (SCLIAR, 2010, p. 63)

Apesar de se sentir pecadora, ela se adapta ao perfil de prostituta, modelando o seu corpo

o busto, o traseiro, arredondavam-se, apetitosos. Pintava-se muito, também. Usava pó de arroz Coty, um batom bem escarlate, sombras negras ao redor dos olhos. O cabelo, antes castanho, estava oxigenado e frisado. [...] vestia-se bem, mas preferia agora a seda. [...] Esther: bela, alegre, bem-vestida, a mais querida do bordel. Era a escolhida para os torneios de amor [...]. (SCLIAR, 2010, p. 35)

Ao ter um relacionamento com Rafael, um jovem judeu inexperiente, Esther engravida e com medo que Leiser a obrigasse abortar, foge e encontra refúgio na casa da parteira onde nascerá Marcos, o seu filho. Deixa o filho aos cuidados de Morena, uma velha que cuidava das crianças. Morena se coloca logo a serviço de Esther e de Marcos, sem deixar de acusar a mulher de ser uma “grande puta”. Esther, não respeitando as ordens para abortar o seu filho, rebela-se aos esquemas impostos às mulheres escravas sexuais e, mostrando-se uma mulher de personalidade forte e poderosa, abre o seu próprio bordel, passando de escrava a dominadora.

Contudo, Esther não deixa de ser judia e filha do *mohel* e quer dar uma educação judaica ao seu filho. Ela procura um *mohel* para o ritual da circuncisão ao menino. No princípio ele se recusa porque “não quer fazer a circuncisão no filho duma impura, de uma mulher que viva na boca do povo; teme por sua própria reputação” (SCLIAR, 2010, p. 61), acabando por concordar só porque ela é filha dum *mohel*.

Aos treze anos, a mãe queria que Marcos fizesse o *bar-mitzvá* e que ingressasse definitivamente na comunidade judaica. Determinada em manter a sua cultura de origem e transmiti-la ao filho, vai à procura do *mohel* para que ensinasse o hebraico ao filho. Mais uma vez o *mohel*, já velho, se recusa, pois Esther representa o ser mais impuro e pecaminoso. Porém, em contrapartida ao dinheiro, o velho acaba por aceitar a tarefa. Conforme Kushnir, “a comunidade judaica oficial queixava-se da constante tentativa de penetração dessa ‘outra parte’ da comunidade, identificada como de judeus ‘impuros’ [...], em suas instituições [...]. Contudo, esses ‘impuros’ possuíam algo que o lado puro carecia: dinheiro” (KUSHNIR, 1996, p. 73).

Porém, o pedido de Esther não acaba com esta aceitação. Ela pretende que o velho leve Marcos para o *bar-mitzvá*; o *mohel* indignado recusa o pedido, afirmando que nunca faria isso com um filho de uma impura. A reação de Esther é histérica e nessa loucura que a movimenta, afirma que o avô do menino era um *mohel* como ele, mas não teve a sorte de se salvar, morrendo em um campo de concentração. Declarando esta barbaridade, Esther quer provocar um sentido de culpa no velho, que imigrando para um outro país, teve a sorte de se salvar da crueldade nazista. Desse modo, a mulher consegue alcançar o seu objetivo. uma vez que o *mohel* aceita afirmando que “Ele [Marcos] é gente. E tu também és gente” (SCLIAR, 2010, p. 74).

Ao contrário de Raquel, Esther nunca foi aceita pela comunidade judaica e esta recusa causa-lhe um sofrimento nunca manifestado diretamente:

Com a comunidade judaica Esther não tem nenhum contato. Recusam-na. Uma vez ela vai ao cinema Baltimore. Quer assistir a um filme iídiche: *Uma Carta da Mamãe*. Sabe que é um filme bom, um filme triste. E quer chorar um pouco. Toma um táxi. Chega cedo. Mas já uma pequena e barulhenta multidão comprime-se diante da bilheteria. Quando ela se aproxima, faz-se silêncio; à sua passagem, afastam-se. Ela vê uma senhora gorda cuspir no chão. Vê uma senhora nervosa murmurar qualquer coisa ao ouvido do marido. Mas não se perturba. Avança até a bilheteria, compra seu ingresso. – Vamos embora! – diz uma voz esganiçada, de mulher. Ela não se volta para ver quem é. Entrega ao porteiro e entra. E é no cinema quase vazio que ela soluça, enquanto vê, com olhos turvos, as cenas tristes – tão tristes quanto esperava; e tão verdadeiras! [...] Abrem caminho para ela, viram a cara, cospem. (SCLIAR, 2010, p. 39)

Segundo Kushnir, as pessoas envolvidas com a prostituição e que professavam a religião israelita eram vistas pelo restante da comunidade judaica como impuras, e não lhes era permitido o convívio com os “puros”, porque temiam pelas suas imagens maculadas.

Embora Esther se reconheça como ser impuro, desgraçado, traidor e violador das suas raízes, nunca abandona a prostituição, nunca deixa de exibir a sua sexualidade e de experimentar o prazer, talvez por medo de não poder conduzir uma vida digna; talvez por medo de não ser aceita em nenhum lugar, carregando o estigma de prostituta em qualquer circunstância.

Até na velhice ela consegue atrair um homem, Gatinho, ladrão e de má reputação, mas apaixonado pela velha Esther. O romance termina com Esther internada num asilo, onde fica também o seu inimigo Leiser, mas devido aos evidentes sinais de demência não o reconhece.

Scliar cria a personagem Esther dividida entre duas faces: a de prostituta e a de mãe com a identidade judia que flui nas suas veias. De acordo com Gilda Salem Szklo,

A história de Esther, a jovem que veio de uma aldeia da Polônia para o Brasil, e em Porto Alegre se instalou como prostituta, circula entre estes dois polos: supermãe, sua dolorida identidade judaica pulsa em suas veias, amalgamando-se com a sensação do pecado, da maldição que ela encarna, enquanto prostituta, através das imagens dos bordéis. Heroína que morre de paixão pelo filho, ela aparece como representante da mulher judia. [...] A mulher impura da “Casa dos Prazeres” em Porto Alegre conserva “os doces sentimentos de uma adolescente judia”. (SZKLO, 1990, p. 120-121)

Enquanto em *Os deuses de Raquel* o elemento catalisador é Miguel, em *O ciclo das águas* tal elemento é representado pelo próprio ciclo das águas, que se revela matéria de estudo e de obsessão para Marcos, filho de Esther. Bella Jozef, em recensão crítica ao livro, afirma que “O ciclo das águas é o próprio ciclo vital, em perpétua movimentação, o início e o fim, marcado pelos parênteses do título. A água, um dos quatro elementos, ambivalente, é a figura do irrevogável (a água que corre), é a epifania da infelicidade do tempo, mas também contém a pureza” (JOZEF, 1978, p. 99).

Utilizando a simbologia da água, Scliar estabelece um paralelismo e uma conjunção entre a vida das personagens e o fluxo das águas: a cada transformação na vida das personagens, se inicia uma nova fase do ciclo das águas que Marcos vai descobrindo. Uma fase mais calma e tranquila remete ao fluxo de água clara e pura; uma fase de sofrimento associa-se ao fluxo escuro, impuro e turvo.

Conforme Carlos Vogt, ao pesquisar nas águas podres, Marcos está em busca de respostas que fundamentem as suas origens que são paralelamente limpas e turvas (cf. VOGT, 1978, p. 78). Ele é filho de uma impura que quer acima de tudo, manter uma ligação com as suas origens, apesar dele não se sentir em nenhum momento pertencente à comunidade judaica. Marcos foge dos rituais impostos pela mãe, pois ele já se sente parte da sociedade hegemônica. Casa-se com Elisa, uma *gói*, e Esther nunca o perdoou por este evento, não participando do casamento.

Em ambos os romances estamos diante dum conflito interior das personagens principais. Por um lado, Raquel vive desde criança em uma ambiguidade de mundos que não se comunicam entre eles, sendo incapaz de delinear quais são as suas origens, criando nela um forte sentido de inadequação que acaba em uma violência exagerada e inadequada; por outro lado, Esther é uma mulher forte e decisiva, que conhece as suas origens e não manifesta nenhum sinal de fraqueza acerca de quem é e de onde vem.

Tanto Raquel quanto Esther vivem em uma dualidade constituída entre a salvação e a danação. Raquel vive a religião com profundo respeito, em busca de uma perfeita identidade que possa levá-la à salvação, assumindo atitudes rigorosas e disciplinadas, acabando porém em uma autoproclamação de danação, rejeitando os afetos, estimulada por posturas demoníacas. No ato punitivo ela se aproxima das condutas diabólicas, intimidando a sociedade e as pessoas que compõem o seu mundo, provocando o sentimento de culpa.

Episódios de violência e de desrespeito parecem simbolizar essa luta contínua dentro dela, que tem como atores esses dois mundos. Provocando a violência, espera uma reação na tentativa de encontrar uma justificativa que lhe permita legitimar a sua escolha entre um e o outro. A agressividade é uma autodefesa do mundo de Raquel, ao qual ninguém pode atingir, tornando-se uma mulher insegura, desejosa de obter seu lugar no mundo, mas que ao mesmo tempo desvia-se das pessoas, desfazendo-se delas e dos seus objetos favoritos, numa forma de autopunição e de expiação.

Esther não tem medo da danação, consciente que a sua vida não a levará à salvação. Ela vive na dualidade que se configura na mulher pecaminosa, exposta à sexualidade, sem pudores e pronta a se vingar, e na mulher que se demonstra uma mãe cuidadosa e carinhosa, além de filha que assume a culpa por não ser digna das suas origens.

Ambas são mulheres determinadas, por objetivos diferentes: Raquel, cuja danação se demonstra ser o pesadelo maior da sua vida, só conseguirá se livrar no ato de conversão, portanto ela se converte apenas interiormente, mantendo exteriormente o ar de judia para não provocar desgosto à mãe; por outras razões, Esther se demonstra determinada no que concerne às suas vontades. Não aceita as ordens de abortar seu filho e, ao fugir da Casa dos Prazeres, liberta-se do *status* de escrava sexual, ao qual era submetida com as respectivas humilhações.

Esther carrega o fardo de ser prostituta e por essa razão a comunidade judaica não quer aceitá-la, humilhando-a e cuspiendo na sua cara. Por outro lado, Raquel inflige uma violência terrível a sua colega de escola, humilhando-a porque não admite ser judia. Temos portanto a dupla face da violência exercitada: uma mulher que por querer viver ativamente a religião se sente martirizada, e uma outra mulher que martiriza a sua colega por não querer viver a religião, que ela também não está vivendo.

Ambas encontram os seus bodes expiatórios. Para Esther, é a sua própria família que desempenha tal papel, ao aprovar seu casamento com um homem que mal conheciam e que, sobretudo, voltou da América completamente diferente. Para Raquel, os bodes expiatórios são dois: Beatriz, a companheira judia que causa as primeiras atitudes agressivas de Raquel, e Miguel, que obcecado por ela, se submete a todas as suas vontades, acabando por desencadear certo ódio contra ele.

Nos dois romances, Scliar declara metaforicamente e ironicamente dois aspectos bárbaros da cultura europeia. Em *O ciclo das águas*, estamos diante da tragicidade do tráfico humano, de mulheres provenientes das aldeias da Europa de Leste, que prometendo vidas de rainhas, acabam casando-se com homens cúmplices deste tráfico. São vítimas inocentes da pobreza e da miséria.

As “polacas” é o termo generalizado que se refere às prostitutas judias no Brasil, no início do século XX, e representavam as mulheres pobres, oriundas das regiões agrícolas e industrialmente atrasadas da Europa Oriental. Muitas chegavam ao Brasil depois de passarem por Buenos Aires, considerada a cidade do mercado distribuidor para todo o continente sul-americano. Essas mulheres eram banidas da vida pública e das instituições culturais da comunidade judaica e ficavam à margem da memória da imigração judaica.

Por meio da sua escrita literária, Scliar consegue enfrentar esse assunto exilado pela comunidade, encontrando um lugar de memória para todas essas mulheres que, além de viverem a vida de imigrantes, deixando a família e os valores, viveram uma vida de exclusão e guetização. Assim, ao narrar tais eventos, Scliar declara:

Pouco depois que o livro foi publicado recebi um telefonema anônimo. Uma pessoa censurava-me por tratar de um assunto que deveria “ficar em silêncio”. A desconformidade do meu desconhecido interlocutor era compreensível; certamente resultava do receio que os anti-semitas explorassem o assunto. Mas o fato de ter havido traficantes judeus de mulheres na América Latina e gangster judeus nos Estados Unidos nada tem a ver com o “caráter judaico”; evidencia apenas que, em circunstâncias de miséria, de desagregação social, de luta desesperada pela sobrevivência, judeus recorrem aos mesmos métodos que outros usaram e usam. (SCLiar, 1985, p. 101-102)

Em *Os deuses de Raquel*, Scliar descreve os internados no hospício, como os prisioneiros dos campos de concentração:

Vagavam pelo matos, sós, ou em pequenos grupos. Vestiam pijamas azuis, desbotados e rasgados. Tinham a cabeça raspada. Nas órbitas salientes, boiavam-lhes grandes olhos escuros. Uma pele tensa e diáfana recobria-lhes os ossos delicados. Caminhavam devagar, fitando as pequenas nuvens que corriam no céu, amassando florzinhas silvestres com os pés enormes. (SCLIAR, 1995, p. 15)

Um outro elemento em comum entre os dois romances é o flutuar do tempo num contínuo vai e volta entre o passado e o presente. O eixo temporal movimenta-se harmoniosamente nos dois romances na direção de elementos externos ao texto: em *O ciclo das águas*, o movimento é marcado pelas intermitências das águas que delimitam o que foi e o que é, atingindo brevemente uma visão futura do que será a vida de Marcos. Em *Os deuses de Raquel*, o movimento é marcado pelo narrador onisciente que traz o leitor de volta ao presente, atingindo um espaciotemporal futuro nas últimas linhas do romance quando afirma que mostrará o Templo a Raquel.

Concorde com Michael Pollak, os elementos constitutivos da memória são os acontecimentos vividos pessoalmente (cf. POLLAK, 1992). Sendo assim, Esther, durante a infância, viveu todos os rituais da cultura judia e por isso consegue transmitir a sua identidade ao filho que, contrariamente, não se sente parte dessa cultura, uma vez que nunca a viveu. Marcos representa o antagonista cultural de Raquel, sendo que ele não sente a necessidade de pertencer à cultura de origem materna, pois nasceu numa sociedade que lhe permitiu livrar-se das suas descendências. O desejo de Marcos é ter uma família “normal”, construindo um futuro repleto de certezas.

Raquel, mesmo tendo origem judaica, nunca viveu a religião no contexto familiar, causado pelo afastamento do pai à sua cultura e a submissão da mãe ao poder do pai. Portanto ela não tem uma memória dos eventos, e isso acaba por criar um conflito incontrolável dentro dela. De certa forma, Esther representa a antagonista do pai de Raquel: ela quer vivenciar a sua religião, mas é constantemente afastada da comunidade por ser a personificação da impureza; Ferenc quer se afastar da sua origem judaica, porém acaba por ter contatos frequentes com a mesma, e ao escolher Miguel como seu único trabalhador, garante-lhe a confiança que só os da “nação” possuem.

Os dois romances analisados mostram duas mulheres que de maneira diferentes vivem a sua fé e a sua identidade, sem porém encontrar uma quiete no mundo ao qual pertencem. Ambas acabam levando a própria vida à destruição e ao fracasso, sem conseguirem enfrentar os demônios que permearam os seus caminhos.

Referências

- JOZEF, Bella. Recensão crítica a *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 44, p. 98-99, jul. 1978. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.1731&org=I&orgp=44>. Acesso em: 25 out. 2018.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição*. As polacas e suas Associações de Ajuda Mútua. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica: das tábuas da lei à mesa de cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- _____. *Os deuses de Raquel*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- _____. *O texto, ou: a vida – Uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.
- _____. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- SZKLO, Gilda Salem. *Do Bom Fim do Shtetl*: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

VOGT, Carlos. A solidão dos símbolos (uma leitura da obra de Moacyr Scliar). *Remate de Males*, Campinas, v. 1, p. 71-80, 1980. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/issue/view/388/showToc>. Acesso em: 25 out. 2018.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (Org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Recebido em: 14 nov. 2018.

Aprovado em: 14 dez. 2018.